

UNIVERSIDADE SÃO JUDAS TADEU

MATHEUS AUGUSTO LIMA

**AS NARRATIVAS PERIFÉRICAS ATRAVÉS DOS IMPACTOS
SOCIAIS E CULTURAIS: O PRECONCEITO COM O RAP E
FUNK**

SÃO PAULO

2022-2

MATHEUS AUGUSTO LIMA¹

**AS NARRATIVAS PERIFÉRICAS ATRAVÉS DOS IMPACTOS SOCIAIS
E CULTURAIS: O PRECONCEITO COM O RAP E FUNK**

Artigo apresentado à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso, do curso de Jornalismo da Universidade São Judas Tadeu, campus Mooca, São Paulo, como requisito principal para a obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Orientador: Professor-Mestre Francisco Moacir Assunção Filho

SÃO PAULO

2022

¹ Matheus Augusto Lima é estudante do 8º semestre de jornalismo pela Universidade São Judas Tadeus; é estagiário na NB Press Comunicação - theus135@gmail.com

**AS NARRATIVAS PERIFÉRICAS ATRAVÉS DOS IMPACTOS SOCIAIS E
CULTURAIS: O PRECONCEITO COM O RAP E FUNK**

Artigo apresentado à disciplina Trabalho de Conclusão de Curso, do curso de Jornalismo da Universidade São Judas Tadeu, campus Mooca, São Paulo, como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Orientador: Professor-Mestre Francisco Moacir Assunção Filho

São Paulo, 14/12/2022.

BANCA EXAMINADORA

Professor- Mestre Francisco Moacir Assunção Filho

São Paulo

2022

AGRADECIMENTOS

Gostaria de começar agradecendo a Deus, quero agradecer a minha mãe Tânia da Silva Lima e meu pai Danilo Augusto Lima, por todo apoio, ajuda e confiança que me deram neste período de 4 anos no curso de jornalismo. Tudo isso foi muito importante para que eu possa sempre querer melhorar, sempre fazer o certo e buscar crescer como profissional.

Também gostaria de agradecer a mim mesmo por ter continuado cursando a faculdade, apesar de todas as dificuldades que todos enfrentamos por conta de uma pandemia. Me sinto muito realizado por estar finalizado essa etapa em minha vida, pois me serviu de exemplo de não desistir e continuar lutando apesar dos problemas que encontramos em nosso caminho. E me sinto muito feliz na área de comunicação, estou evoluindo bastante, atuando na área de assessoria de imprensa.

Quero também agradecer meu amigo Gabriel Silva, ele foi uma das pessoas que mais fez amizade no curso de jornalismo, realizamos diversos trabalhos juntos, convivemos desde o primeiro semestre ,ajudamos muito um ao outro nesses 4 anos e fico feliz pela parceria construída.

Aos professores e orientadores quero agradecer por todo ensinamento e pela ajuda que foi passada nesses anos. E aos colegas de trabalho e sala desejo sucesso,espero que todos possam conquistar seus objetivos e se tornarem grandes profissionais.

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo discutir o preconceito que existe com os gêneros musicais Funk e Rap, mostra a importância que ambos estilos tem para a periferia , como elas podem ajudar na vida das pessoas da comunidade e como seria importante elas terem mais espaços em mídias maiores. Por meio de das análises das reportagens “*Cultura do Funk*” feita pela jornalista Jéssica Balbino e publicada em 17/03/2021 no UOL e a “*Para tocar na rádio, tive que fingir que não era funk e falar que era pop, diz Anitta*”, veiculada pelo Portal Popline em 27/05/2019 e realizada pelo jornalista Leonardo Torres. Foram analisadas as características do artigo e da reportagem para entender os impactos sociais sobre esse tema. A metodologia utilizada foi a Análise Qualitativa Simples, com o uso da teoria Agenda Setting e pesquisa bibliográfica. O trabalho foi desenvolvido com apoio de análises sobre teorias do jornalismo e teorias da comunicação, devido à referência em culturas sociais.

Palavras- chave: Funk; Rap; comunidade; cultura; periferia; importância; musica; preconceito; Mídia.

Abstract

This article aims to discuss the prejudice that exists with the musical genres Funk and Rap, it shows the importance that both styles have for the periphery, how they can help in the lives of people in the community and how important it would be for them to have more space in media bigger. Through the analysis of the reports “Cultura do Funk” made by journalist Jéssica Balbino and published on 03/17/2021 on UOL and “To play on the radio, I had to pretend it wasn’t funk and say it was pop, says Anitta ”, published by Portal Popline on 05/27/2019 and carried out by journalist Leonardo Torres. The characteristics of the article and the report were analyzed to understand the social impacts on this topic. The methodology used was the Simple Qualitative Analysis, with the use of the Agenda Setting theory and bibliographical research. The work was developed with the support of analyzes on theories of journalism and theories of communication, due to the reference in social cultures.

Keywords: Funk; Rap music; community; culture; periphery; importance; song; preconception; Media.

1- Introdução

O mundo da música é recheado por vários estilos e gêneros musicais, vem crescendo cada vez mais com o passar dos tempos e se expandido com a ajuda da tecnologia. Para muitos, a música é uma forma de lazer, já para outros a música é trabalho, algo que é visto como a oportunidade de mudar de vida e mostrar seu talento. Isso vale, principalmente, para pessoas que vivem nas comunidades e veem na música a possibilidade de melhorar a vida da sua família.

O rap e o funk, gêneros típicos da preferência dos jovens, são considerados a voz da periferia. Através das músicas, os artistas buscam passar uma visão sobre a realidade em que se encontram, quais os problemas que enfrentam, motivar as pessoas que moram na comunidade, abordar a falta de oportunidade e criticar os políticos e o governo. Mas algumas pessoas não enxergam isso porque acham que as letras das músicas são vulgares, assim ostentam um certo preconceito e negam que esses gêneros musicais integrem a cultura. No entanto, consideramos que estes gêneros culturais marginalizados estão enraizados no coração dos brasileiros e contam com um público muito grande que consome e se identifica com as mensagens que são passadas nas letras das músicas e as usam como fonte de inspiração para realizar seus sonhos. ²Como afirma RAMOS (2021):

(...) O funk dialoga muito com a juventude, porque ela se sente representada pelas letras e é de sensibilidade da população entender que o movimento funk é o maior movimento político, cultural, que conversa com essa parte da população que é desassistida pelo Estado.

A mídia, especialmente a eletrônica, é um espaço que muitos cantores querem conquistar, principalmente a TV ou o Rádio, porém nem sempre quem canta ambos os gêneros têm suas músicas tocadas em uma desses veículos de comunicação, principalmente em rede aberta.

² Bruno Ramos, 17/03/2021/ ESPECIAIS/ Por Jéssica Balbino
<https://www.uol.com.br/splash/reportagens-especiais/funk-estetica-do-caos/#cover>

Muitas das mídias não gostam de tocar esses estilos de músicas porque elas podem conter palavrões, a letra pode criticar ações que às vezes não podem ser bem vista pela emissora, por conta de como a letra aborda a realidade da periferia ou simplesmente por preconceito. Por causa disso, as mídias, caso convidem um cantor ou grupo desses gêneros, pedem uma versão mais leve da música ou preferem nem convidar os artistas.

Segundo dados que foram compilados e analisados pelos pesquisadores musicais Leonardo Morel e Vitor Gonzaga dos Santos em um estudo sobre os dois gêneros musicais publicado no dia 14/06/2022 na Revista Observatório, editada pelo Instituto Itaú Cultural, o rap e o funk tiveram um salto de 200% na lista de músicas mais ouvidas na plataforma Spotify, em comparação entre janeiro de 2021 e o mesmo período de 2022. O funk e o rap representaram ainda 55% das execuções totais de artistas de uma das maiores distribuidoras digitais do país, a ONErpm, entre outubro de 2021 e janeiro deste ano, refletindo um momento de ascensão desses estilos no streaming.

O TikTok e o Youtube são outras plataformas que ajudam a popularizar as músicas dos artistas, seja com um clipe bem trabalhado no Youtube, com uma prévia do som ou com as danças que são criadas baseadas nos sons e ³viralizam no TikTok.

Um dos artistas que teve muita relevância em várias plataformas foi Geizon Carlos da Cruz Fernandes, o Xamã. O cantor de 32 anos já tinha músicas que eram conhecidas por pessoas que gostam de Rap, porém ele explodiu para um público maior com o som “Malvadão 3” que obteve 248 milhões de visualizações no Youtube⁴. Já no Spotify⁵ ele possui uma média de 9,5 milhões ouvintes mensais, uma parte significativa desse número se deve ao sucesso da música citada anteriormente. No TikTok a música foi utilizada para mais de 1,5 milhão de criações de vídeo na plataforma, o que ajudou muito o artista a popularizar sua música.

Outra canção que explodiu no Youtube foi a Ilusão “Cracolândia” produzida pelo DJ Alok que conta com a participação dos Mc’s Hariel, Davi, Ryan Sp e Salvador da Rima. Esse funk passa uma mensagem de conscientização ao vício no uso de drogas e obteve 236 milhões de visualizações na plataforma. Porém os mc’s são vistos com preconceito pela sociedade e às

³ Viralizar é tornar algo viral, muito visto ou compartilhado por muitas pessoas, especialmente em redes sociais ou aplicativos de compartilhamento de mensagens.

⁴ Youtube é um site e uma plataforma de vídeos

⁵ Spotify é um aplicativo de música e podcast

vezes encontram dificuldades de ganharem uma oportunidade na TV ou no rádio apesar dos números gigantescos e mensagem consciente que é transmitida na canção.

Na gravação dessa música, o DJ Alok fica impressionado com o talento dos meninos, principalmente com o Hariel. O produtor reconhece o talento dos músicos e fala que eles tem algo de diferente.

(..) De verdade, eu juro
de verdade, eu já trabalhei com muitos artistas e não é assim. Vocês
não estão aqui à toa, vocês tem algo a mais.
<https://www.instagram.com/tv/CFMzeYiAvVK/?igshid=MWI4MTIyMDE=>

O ⁶Salvador da Rima explica que o diferencial do funk é a periferia e o jovem que vem de baixo valoriza muito a oportunidade, sua letra e as pessoas te escutando.

(...) A diferença que o funk tem de todo o resto é a periferia, todos
os jovens que crescem dentro do funk são periféricos, jovem que
vem de baixo. Então eles valorizam muito isso o estar ali, o
sentimento da sua música e as pessoas te escutando. Querendo ou
não o funk tem muito disso, o sonho vivo.
<https://www.instagram.com/tv/CFMzeYiAvVK/?igshid=MWI4MTIyMDE=>

Já o ⁷Mc Davi, completa dizendo que as chances deles e das pessoas que vêm da periferia são baixas. “ A nossa chance já era -1, as porcentagens eram baixíssimas “.

Desta forma fica clara a relevância da análise crítica em relação ao preconceito com funk e o rap, e as poucas oportunidades em rádios e tv's apesar dos altos números de visualizações e fãs. Para entender qual a razão disso, nesta pesquisa será empregada a metodologia da Análise Qualitativa Simples (AQS) para estudar duas reportagens que abordam o tema. A primeira reportagem é a “ *Cultura do Funk* “ feita pela jornalista Jéssica Balbino e publicada em 17/03/2021 no UOL. Já a segunda é a “ *Para tocar na rádio, tive que fingir que não era funk* “

⁶ Gabriel Salvador, mais conhecido como Salvador da Rima, é cantor e compositor brasileiro

⁷ Davi Gabriel, mais conhecido como Mc Davi, é um cantor e compositor brasileiro

e falar que era pop, diz Anitta”, veiculada pelo Portal Popline em 27/05/2019 e realizada pelo jornalista Leonardo Torres.

Portanto o presente artigo buscará responder, por meio da Análise Qualitativa Simples com uso da teoria Agenda Setting, por quê o Rap e o Funk são muito importante para a periferia, explicar como as letras dos artistas inspiram e mudam vidas, como a visibilidade na mídia pode ajudar ambos estilos musicais e defender a tese de que a sociedade deveria ter mais respeito e reconhecer a cultura desses gêneros.

2 - A importância do funk para periferia

O funk nasceu nos Estados Unidos no final dos anos 1950 e início dos anos 1960 com influência da Black Music, porém com características diferentes das produções dos dias de hoje. Ela foi influenciada e inspirada pelos gêneros Soul, Jazz, Rhythm e Blues. O funk americano acabou sendo representada por grandes nomes como Miles Davis e James Brown no centro de movimento negro e depois continuou sua evolução.

O estilo musical começou no Brasil nos anos 1970 e ganhou destaque nos bailes da zona sul do Rio de Janeiro. Conquistou um público com suas batidas e ritmos dançantes, ficou conhecida como “a música da periferia, produzida para a periferia”.

Nos anos 1980, o funk no Brasil ainda contava com muita influência da versão estadunidense, porém o produtor musical Fernando Luís Mattos da Matta, conhecido como DJ Marlboro, incluiu a bateria eletrônica no gênero e acabou lançado o álbum Funk Brasil, que abordava a realidade social das favelas.

Por conta de começar a retratar a realidade da comunidade, o funk começou a ser visto com preconceito e as pessoas de classes sociais mais altas falavam que esse estilo de música não era cultura. Outros estilos musicais já passaram por essas situações, como por exemplo Jazz, Samba, Capoeira e o rap.

A ideia do funk é mostrar a realidade do povo da comunidade, questionar as situações que eles encontram no seu dia a dia, criticar e questionar problemas políticos e sociais, passar inspiração para as pessoas da periferia e muito mais. Bruno Ramos, Conselheiro Nacional da Juventude e integrante do coletivo Favela no Poder, afirma que o gênero sofre preconceito por comentar assuntos que as pessoas não estão acostumadas a lidar ”O Funk sofre preconceito

porque é um movimento de periferia e aborda questões que as pessoas não estão acostumadas a lidar. Além disso, fala dessas questões de uma maneira muito aberta, ao invés de usar os jogos de palavras típicos das músicas produzidas durante a ditadura, por exemplo”. Explica Ramos.(2017)

Quando pessoas que odeiam o funk criticam que o gênero só fala de drogas, crimes e outros assuntos, isso não é problema do gênero musical, mas consequência de problemas sociais, no qual a música busca mostrar a realidade para que não ocorra mais esses casos. O gênero também aborda temas como superação, conquista e motivação para seu público. Os cantores gostam de passar uma mensagem segundo a qual, apesar das dificuldades, eles continuaram batalhando para conquistar seu sonho. A música tem uma importância na socialização dos jovens. Ela ajuda para que novas amizades sejam criadas, novas ideias de vidas sejam conhecidas e fazer com que as pessoas se divirtam. Como explica ⁸DAYRELL (2002):

(...) Esse processo não está presente apenas entre os jovens de classe média. Nas periferias constatamos uma efervescência cultural protagonizada por parcelas dos setores juvenis. Ao contrário da imagem socialmente criada a respeito dos jovens pobres, quase sempre associada à violência e à marginalidade, eles também se posicionam como produtores culturais. Entre eles, a música é o produto cultural mais consumido e em torno dela criam seus grupos musicais de estilos diversos, dentre eles o rap e o funk. Nesses grupos estabelecem trocas, experimentam, divertem-se, produzem, sonham, enfim, vivem determinado modo de ser jovem.

⁹Dayrell, J. (2002). O rap e o funk na socialização da juventude . *Educação E Pesquisa*, 28(1), 117-136.
<https://doi.org/10.1590/S1517-97022002000100009>

<https://www.scielo.br/j/ep/a/rqhzvRzXfWjTT4kqS7Swzfn/?lang=pt>

No Youtube, dos 10 canais com mais inscritos no Brasil, o funk aparece duas vezes nessa lista. O canal que tem mais inscritos é o do KondZilla , a produtora de música possui 66

⁸ **Juarez Tarcisio Dayrell** é formado em Ciências Sociais pela UFMG. Tem vários artigos publicados além do livro *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*, pela Editora da UFMG. Atualmente é professor-adjunto na Faculdade de Educação da UFMG.

⁹ Dayrell, J. (2002). O rap e o funk na socialização da juventude . *Educação E Pesquisa*, 28(1), 117-136.
<https://doi.org/10.1590/S1517-97022002000100009>

milhões de assinantes. Já outro canal de funk muito conhecido pelo público é o GR6 EXPLODE que fica em sexto lugar entre os 10, com 37,8 milhões de inscritos.

Um fato interessante desses dois canais é que eles são os que têm mais visualizações no país. Em primeiro lugar continua o KondZilla que contém 36 bilhões de visualizações, já na sequência o GR6 explode. Tem ao todo 24 bilhões de visualizações em seu canal.

Atualmente segundo o site Tecnoblog, o funk carioca aparece em segundo lugar no top 5 dos gêneros mais escutados em 2022 no Spotify. Já nas playlist¹⁰ mais ouvidas de 2022, a funk hits aparece em 3 lugar.

Com esses números apresentados é possível afirmar que o funk é uma cultura muito influente no país, uma música que atinge milhões com suas mensagens, cria laços entre pessoas que possuem ideais parecidos e inspira muitos a não desistirem dos seus sonhos, portanto merece mais respeito. Rodney William, mestre em Gerontologia e doutor em Ciências Sociais com ênfase em Antropologia pela PUC-SP complementa a definição de cultura.

Cultura é o modo de vida de um povo e se manifesta em suas formas de agir e em tudo que produz. É dinâmica, contínua e se modifica constantemente em razão, inclusive dos contatos com outros grupos ou por conta das suas próprias reinvenções ou ressignificações.

No dia 03/11/2022, o ¹¹MC ¹²Hariel participou do programa “Faustão na Band”, uma das poucas vezes que Mc 's participaram de programas em rede aberta. Naquele dia, o cantor cantou as músicas "Maçã Verde" e “Ilusão Cracolândia”. Na ocasião, o músico descreveu as dificuldades que enfrentou após a perda do pai, mas que não parou de trabalhar para que seu sonho de se tornar um cantor de funk se tornasse realidade.

¹⁰ É uma lista de reprodução é uma lista de arquivos de vídeo ou áudio que podem ser reproduzidos em um media player sequencialmente ou em ordem aleatória.

¹¹ MC é um acrônimo de **Mestre de Cerimônias**, que se pronuncia "eme ci". Um MC pode ser um **artista** que atua no **âmbito musical** ou pode ser o **apresentador** de um determinado **evento** que não está necessariamente ligado a uma manifestação musical.

<https://www.significados.com.br/mc/>

¹² Hariel Denaro, mais conhecido como Mc Hariel, nascido na Vila Aurora, na Zona norte de São Paulo, no dia 20 de Dezembro de 1997. Ele é cantor e compositor de Funk.

<https://www.deezer-blog.com/br/mc-hariel/>

Ele ainda afirmou que o caminho para o sucesso para alguém que vem da periferia é mais distante, por conta da falta de visibilidade, preconceito e as dificuldades da vida na comunidade. Hariel ainda falou que existe preconceito com o funk por ser um movimento que nasceu do povo pobre e tudo que os pobres fazem incomoda, mas que se fosse um movimento de uma classe social alta nada disso existiria.

O músico comentou também que o funk e o futebol são vistos como exemplo para os mais jovens, porém que faltam exemplos mais próximos de cidadãos da comunidade que venceram na vida, como um médico, um professor e entre outras profissões. Ele ainda acrescentou que esses exemplos ajudam para que os mais novos não vão para o mundo do crime e falou que é muito importante falar sobre essas situações na TV aberta.

Apesar dessa participação do cantor, ainda não é muito comum ver cantores de funk na tv. Para o jornalista ¹³Cleber Santos, o fato de ter poucas transmissões acaba se tornando um boicote.

(...) “O funk é sim uma cultura periférica, e está presente na vida de muitos jovens, o fato da mídia não fazer essa divulgação, acaba boicotando a transmissão para as outras classes”

<https://drive.google.com/drive/folders/1PTCveKF7JJdM0BlyJ0WVPXFngyOeokwy>

3 - O Rap brasileiro e seu impacto

O Rap brasileiro surgiu nas periferias de São Paulo por volta de 1986, o estilo se iniciou como uma junção do hip-hop e funk, porém com o passar do tempo foi se incorporando ao pop-rock e outros estilos musicais. Em São Paulo, os pontos de encontros para os amantes do gênero naquela época eram a Galeria 24 de Maio e estação de metrô São Bento, na Linha Azul do metrô da capital paulista.

Naquele tempo, o Rap já era mal visto pela sociedade, por causa das letras, que tinham conteúdo violento. As músicas criticavam fortemente o Estado e a Polícia, mas como elas não seriam violentas se abordavam a realidade da periferia, se lá há problemas de saneamento

¹³ Cleber Santos é um repórter da Agência Mural de Jornalismo das Periferias.

básico, tráfico, crime, mães solteiras, crianças abandonadas e violência policial, entre outros problemas presentes nessas regiões periféricas.

No dia 16/11/2022 foi lançado na Netflix o documentário de um dos maiores grupos de Rap do Brasil, o “Racionais - Das ruas de São Paulo para o mundo”, dirigido por Juliana Vicente. Os integrantes do grupo são Mano Brown, Ice Blue, Edi Rock e KL Jay, eles são os responsáveis por conduzir a narrativa do filme. O longa celebra 30 anos de carreira do grupo, conta a história deles, sua trajetória e a importância das suas músicas para a periferia.

O impacto que o documentário teve foi muito grande, de acordo com o grupo Racionais Mc's a filmagem foi o 6º filme de língua não inglesa mais visto em todo mundo na semana de estreia, que foi no dia 16/11.2022. Marco histórico para nossa carreira, para o rap nacional e todo o Brasil. ¹⁴Obrigado a todas e todos envolvidos nesse projeto”, escreveu o quarteto.

Um dos relatos mais importantes no documentário foi quando KL Jay disse que quando os artistas compuseram a música *Pânico na Zona Sul*, a letra aborda coisas que ninguém tinha coragem de falar, que no caso eram as violências policiais que aconteciam nas regiões periféricas da zona sul de São Paulo. A música do Racionais ajuda as pessoas da comunidade a terem uma ideia nova e ter coragem de lutar pelos seus direitos. “Esse é nosso trabalho social (mostrando o disco) a música que muda a atitude da pessoa, que entra na mente como explica KL Jay (2022)



Racionais Mc's tiveram uma importância muito grande na sociedade periférica. Em 2018 o álbum *Sobrevivendo no Inferno* , foi reconhecido pela Universidade de Campinas (Unicamp)

¹⁴ Publicação do grupo na rede social Twitter

<https://twitter.com/RACIONAISCN/status/1595402392593375234?ext=HHwWhICxxb6BgaOsAAAA>

como leitura obrigatória para o vestibular. Foi a primeira vez em que um álbum de música se tornou obrigatório em um processo seletivo. A indicação foi muito impactante, fazendo com que o álbum até virasse livro. Isso mostra como a música tem uma relevância na sociedade e atinge as pessoas.

Outro movimento importante foram as batalhas de rap, que surgiram por volta dos anos 2000. Com o decorrer do tempo elas foram crescendo. Diversos cantores começaram suas carreiras nela, como é o caso do Xamã, PK, Emicida, TZ Da Coronel e entre outros. O movimento fez com que os músicos mudassem a sua vida. ¹⁵Tz da Coronel é um dos rappers mais famosos do meio e ele viu como uma brincadeira de rimar acabou transformando sua vida.

(...)Uns amigos meus mostraram uns vídeos das batalhas de rima que aconteciam em São Gonçalo (RJ), a partir daí eu comecei a rimar na rua com os amigos, como uma brincadeira mesmo. E nisso a gente começou a gravar e postamos no Facebook, na outra semana tinha viralizado por lá e fomos conhecendo outras batalhas que rolavam por lá, outras histórias que nós nem imaginávamos. A partir disso, eu fui ganhando moral na escola, até que uns caras me chamaram para gravar com eles e todo sábado de manhã a gente ia pro estúdio e ficávamos o dia todo por lá, foi assim que começou minha trajetória.

<https://extra.globo.com/tv-e-lazer/no-dia-do-rap-nacional-pk-tz-da-coronel-3030-outros-cantores-explicam-importancia-do-genero-em-suas-vidas-rv1-1-25552602.html>

Outro artista que foi citado anteriormente, Pk¹⁶, participou da Batalha do Tanque, que era realizada em São Gonçalo, no Rio de Janeiro. Ele viu como Rap ajudou na sua vida e na da sua família.

¹⁵ Matheus Santos, mais conhecido pelo seu nome artístico TZ DA CORONEL, é um cantor e compositor brasileiro

¹⁶ Pedro Henrique Pereira Bendia, mais conhecido pelo seu nome artístico PK, é um cantor e compositor brasileiro

(...) Graças a Deus, foi a escolha que mudou não só a minha vida, como a da minha família também. Acredito que todo gênero musical tem seu momento! A internet fez com que os artistas não precisassem depender apenas das gravadoras e da grande mídia. Além disso, hoje temos uma sociedade mais politizada.

<https://extra.globo.com/tv-e-lazer/no-dia-do-rap-nacional-pk-tz-da-caronel-3030-outros-cantores-explicam-importancia-do-genero-em-suas-vidas-rv1-1-25552602.html>

Estilos musicais como o Rap e o funk atingem um público muito grande na periferia e os moradores da comunidade se identificam com esses estilos, pois os cantores desses gêneros musicais são as vozes dessas regiões periféricas. Mas quando se vê reportagens na TV em relação a esses gêneros, a principal temática é sobre o crime e pouco se discute os benefícios e ajuda que elas trazem à comunidade periférica.

De acordo com a teoria Agenda Setting é da competência da imprensa a seleção dos fatos a serem anunciados. Profissionais e notícias atuam como Gatekeepers¹⁷ da informação permitindo acesso a algumas e barrando outras, como seletores do que noticiar e do que não noticiar.

De certa forma isso é ruim, pois a mídia acaba mostrando mais a parte ruim e não se consegue ver as coisas boas que são feitas pelo Rap e o Funk, no caso. Isso acaba gerando um preconceito com ambos os gêneros e prejudicando as pessoas da periferia, porque essas músicas são de origem periférica e as pessoas que acompanham somente as notícias “ruins” já começam a ter uma ideia ruim e criminalizar os gêneros. No entanto, se os ouvintes prestarem atenção às letras elas passam mensagens que são muito importantes para a comunidade e deveriam ser escutadas com mais atenção pela sociedade.

4. Análise das reportagens

A primeira reportagem que será analisada é “*Funk é cultura* “. O texto foi publicado no dia 17/03/2021 no portal UOL Splash e foi realizado pela jornalista Jéssica Balbino. O portal conta com um espaço com foco em reportagens relacionadas ao conteúdo de funk.

¹⁷ Gatekeeper é aquele que define o que será noticiado de acordo com relevância, linha editorial, entre outros critérios

A reportagem em questão tem como objetivo explicar a cultura do funk, explicar assuntos do mundo desse gênero e como ela ajuda a comunidade. Do ponto de vista da Análise Qualitativa Simples, o título e linha fina¹⁸ cumprem o suas funções primordiais.

O texto começa com o articulador do movimento funk, Bruno Ramos, que inicia sua fala, fazendo um resumo do funk aqui no Brasil e ainda complementa falando como essa música é alvo de criminalização no país.

Bruno é uma das fontes selecionadas na reportagem para discutir o tema, de acordo com a Análise Qualitativa Simples, ele cumpre seu papel e demonstra muito conhecimento sobre o assunto. As falas deles são muito interessantes, pois trazem grande conhecimento e informações valiosas.

(...) O funk dialoga muito com a juventude, porque ela se sente representada pelas letras e é de sensibilidade da população entender que o movimento funk é o maior movimento político, cultural, que conversa com essa parte da população que é desassistida pelo Estado.

A reportagem foi separada em seis tópicos para que haja um melhor entendimento do leitor, esses temas cada um aborda sobre um determinado do mundo do funk. O primeiro é “ O primeiro disco de funk brasileiro” nele está um link para escutar o primeiro disco do gênero, feito pelo DJ Marlboro. Esse link leva para o Youtube.

Hoje tem fluxo

¹⁸ A linha fina vem abaixo do título, é escrita em letras menores, complementa e pode também ampliar as informações. Tanto o título quanto a linha fina de uma reportagem costumam ser elaborados levando em conta palavras ou expressões voltadas para causar um efeito de sentido conforme o público que pretende atingir.



O segundo subtítulo é “ Hoje tem fluxo” e com uma fala em baixo “ Hoje tem fluxo no Damasceno, estica e puxa”. A imagem acima representa muito bem a ideia do tópico, pois ela mostra um local, muito movimentado, em que está acontecendo um baile funk. Ainda nessa parte do texto os autores afirmam que os jovens se comunicam através de gírias pelo WhatsApp para se encontrar para o fluxo¹⁹. Com base na metodologia AQS a imagem corresponde muito bem com o que está sendo dito, que é a grande presença de jovens no baile funk.

Nesse trecho do texto há o uso de três fontes, a primeira é o músico e antropólogo Meno Del Picchia que fala dos aparelhos de som que são usados nos bailes e que eles já eram usados na região urbana do Pará. Na sequência entra como entrevistado MLK de Mel, de 22 anos, que mora no Jardim Elisa Maria, Zona Norte de São Paulo. Ele relata que não precisa sair de casa no baile, pois ele mora onde acontece um já. Para finalizar esse trecho, o especialista Bruno Ramos aparece novamente, que explica que o movimento de funk é muito grande, que se juntar todas as pessoas envolvidas é quase seis vezes a população de um país como Uruguai.

Se juntarmos todas as pessoas do movimento atualmente, temos quase seis vezes a população de um país do tamanho do Uruguai, que é de 3,5 milhões de pessoas. Estar como articulador nacional desta cultura e pensar políticas públicas é um desafio de

¹⁹ Fluxo é o encontro de jovens nas ruas, onde eles ouvem música, criam e falam gírias, dançam, chamam para um bololô(ou, para os mais velhos, paqueram), esbanjam sensualidade e sexualidade, bebem, fumam e ocupam, com seus corpos, seus próprios espaços

chefe de estado, para criar alternativas para as periferias. Não há, no país, nada que consiga dialogar tanto com a nossa juventude quanto o funk. O poder público não consegue, a escola não consegue, mas o movimento é uma ferramenta de articulação, educação e diálogo



No próximo tema “ Ó o Pesado! ” o que está sendo comentado na reportagem é sobre como o baile funk consegue ajudar alguém da região. A imagem demonstra como o local é muito movimentado e existe um grande número de admiradores do gênero musical. Uma das fontes da jornalista, Dona Marieta Odete de Fátima, de 52 anos, explica que graças ao fluxo ela conseguia garantir uma renda mensal, por conta da venda de bebidas. Ela não era uma apreciadora da música, mas com o passar do tempo começou a gostar do gênero.

(...) Eu passava noites em claro, revoltada, porque o som era muito incômodo para mim. Juntei isso ao meu dom de vendedora da juventude e comecei a vender bebidas. Vivo da renda que consigo ter das noites em que vou para o baile com meu carrinho. Eu já até gosto das músicas que tocam.

Ainda nesse assunto o MC Léo da Baixada aparece como entrevistado. Ele explica que o que mais seduz nos bailes é as batidas, a arte do improvisado e a liberdade de cada ser quem é. Porém de acordo com a Análise Qualitativa Simples o tema que “ Ó o Pesado!” você espera que o assunto que vai ser abordado no momento é somente a questão das vendas e como elas ajudam as pessoas, como foi o caso citado anteriormente . Nesse caso o trecho do Léo da Baixada seria melhor encaixado na parte “Hoje tem fluxo”.

Na continuação da reportagem o tema que é abordado agora é “ As gírias do funk” nessa parte a Jéssica mostra como as gírias viralizam muito rápido. Um dos casos citados foi o uso da gíria “aulas, cria”²⁰ pelo crossfiteiro²¹ Arthur Picoli para tentar flertar com a atriz Carla Diaz, no reality show Big Brother Brasil 21. Ainda nessa parte do texto tem um hiperlink²², que quem clicar nela será direcionado para uma outra reportagem, focada nas gírias do funk e com uma explicação mais detalhada.

No quinto tema, cujo título é “Sensualidade como diálogo e liberdade sexual como resistência” se aborda como a sensualidade está presente no baile funk e como as mulheres sentem mais liberdade para se portarem da maneira que quiserem. Renata Prado, 29, é dançarina e diretora da Frente de Mulheres no Funk. Ela fundou um movimento a fim de combater o machismo e mostrar o protagonismo das mulheres na história do gênero. A dançarina explica muito bem a atuação do movimento que acontece através de palestras, workshops, oficinas, visitas em escolas e unidades da Fundação Casa. Para Renata, liberdade sexual é um tema importante dentro do funk para reforçar o protagonismo da periferia.

Quando pensamos em mulheres no baile, pensamos em hipersexualização porque a sensualidade faz parte do lifestyle da funkeira. Pregamos a liberdade de sermos quem quisermos, onde e quando desejarmos. No entanto, o próprio movimento feminista, sobretudo o feminismo branco, não dá conta de toda complexidade da periferia, e enxerga isso como um reforço de hipersexualização. Nós queremos ser sensuais e respeitadas e isso é possível porque a sensualidade faz parte do universo do funk. Isso não significa que todas as mulheres devem/tem que ser sensuais, mas as que exercem isso têm todo direito.

No último tema que é “ A revolução da (re)bolada” se explica que que antes da pandemia era comum ver jovens reunidos, no centro de São Paulo, para ter aulas de funk que eram oferecidas pela Associação Nacional da Liga do Funk desde 2011. Marcelo Galático, de 42 anos, é produtor musical e começou esse projeto no início dos anos 2000. Nessa parte do texto

²⁰ Essa nasceu no Rio de Janeiro e o pessoal de São Paulo adotou. "Aulas" é usado quando algo é muito bom ou alguém diz alguma coisa certa, uma boa sacada. "Você acertou nessa dica, hein. Aulas!".

²¹ Alguma pessoa que pratica o esporte Crossfit

²² Hiperlink ou hiperligação é qualquer elemento de um hiper texto (páginas web) que façam referência a outro texto ou a outra parte deste texto. Ou seja, qualquer área clicável de uma página web é um hiperlink. Um hiperlink pode também ser referido como um [link](#) ou hipertexto

Galático é usado como fonte para explicar como a música é um movimento cultural muito grande e vem transformando vidas das pessoas da periferia com o passar dos anos.

O funk é o movimento cultural que mais emprega pessoas na periferia. Há 20 anos, ser jogador era a única possibilidade de ascensão para o garoto da quebrada, hoje, ele também enxerga isso no funk e não é só sendo MC ou DJ, mas produtor de festas, fotógrafo, diretor, empresário, dançarino, entre outras ocupações.

Ele ainda fala que o projeto é para ajudar jovens que queiram trabalhar com o gênero . Com isso pode se ver que esse projeto é algo muito bom para jovens da periferia, pois é uma oportunidade de fazer aquilo que gosta e mudar sua vida. “Esse dinheiro pode não parecer muito, mas, na maioria das vezes, é mais do que a família dele ganha para sustentar a casa. Que pai/mãe de família que mora em periferia hoje ganha R\$ 10 mil por mês? Por isso o funk se apresenta como essa possibilidade”. como explica Galático (2021)

No final do texto a autora usa quatro fontes, a primeira é o MLK de Mel que passa uma relato de como o baile é um lugar em que ele se sente à vontade , esquece os problemas da vida e interage com as pessoas. O jovem ainda comenta que sempre vai acompanhado da amiga Marcela Trava, 25. A menina relata que se sente mais segura no baile, do que em outras regiões de classes sociais mais altas. Trava explica que faz parte da comunidade LGBTQIA + e mesmo assim fica super à vontade no baile de favela.

Algo que é muito interessante a seguir, é que as falas dos jovens vão ao encontro do que considera o antropólogo Meno Del Picchia.

São Paulo é uma cidade ríspida, não oferece tantos espaços culturais e tantos equipamentos de lazer (como parques,praças, centros esportivos) quanto deveria. O fluxo de funk na rua é uma resposta dessa juventude à rispidez da cidade. Uma grande resposta à especulação imobiliária que pressiona a cidade gerando um crescimento totalmente caótico e desordenado

Para finalizar a reportagem, a dançarina Renata Prado explica que toda manifestação cultural que nasce da periferia é perseguida e recriminada.

"O Estado não gosta de uma juventude periférica organizada, independente —já que os bailes são organizados de forma autônoma, sem participação do poder público que consegue aproximar milhares de pessoas de todos os cantos, recebe turistas, gira a economia local e se torna uma potência".

Com base na metodologia Análise Qualitativa Simples a reportagem cumpre seu papel de explicar situações que são do cotidiano do funk, por exemplo, como sua cultura consegue ajudar financeiramente pessoas da periferia e cumpre o seu papel de informar e fazer nascer a consciência crítica. A jornalista Jéssica Balbino mostra que tem conhecimento do conteúdo e escolhe fontes que mostram, também, domínio e experiência no tema.

A segunda reportagem que será analisada é a “ *Para tocar na rádio, tive que fingir que não era funk e falar que era pop, diz Anitta*” foi publicada no dia 27/05/2019 no Portal Popline e realizada pelo jornalista Leonardo Torres. A reportagem não conta com linha fina, o título pode ser entendido que a cantora Anitta deu entrevista para o Portal Popline, porém não é o caso. A entrevista foi feita no dia 26/05/2019 na CNN da Argentina, no primeiro parágrafo o jornalista conta trechos da entrevista da cantora em que fala que a Anitta teve que se submeter às políticas de mercado e precisou mentir para que o estilo da sua música fosse tocada na rádio.

No segundo parágrafo o repórter explica como a cantora Anitta conseguiu passar pelo filtro dos grandes executivos porque as suas letras não eram sobre sexo ou violência. A brasileira ainda contou que com muita luta ela começou a ser tocada em algumas rádios, ela ainda disse que o funk é a música número 1 e que é a primeira cantora a fazer um show em um grande festival brasileiro. No final do texto há um link para acessar a entrevista no Youtube.

A reportagem não é grande, mas de acordo com a metodologia AQS ela não precisa ser grande ou pequena e sim conseguir produzir informações. O texto mostra como o funk sofre muito preconceito há tempos. Para um cantor conquistar um espaço nobre precisa, em alguns casos, mentir sobre o gênero ou dificilmente ganhará espaço em uma rádio. A figura da Anitta na reportagem é muito boa, pois ela é um símbolo do funk no Brasil e é a prova de que o preconceito com esse estilo musical infelizmente existe, e que é preciso muita luta para que o funk alcance o espaço que ele merece.

A escolha do título poderia ser alterada para entender que a reportagem é baseada em uma entrevista feita por outro jornalista, então o título passaria de:

TÍTULO: “ *Para tocar na rádio, tive que fingir que não era funk e falar que era pop, diz Anitta*”

E iria para:

TÍTULO: “ Em entrevista na Argentina Anitta fala de preconceito que o funk sofre”

4. Considerações finais

Os gêneros musicais Rap e Funk são os que mais crescem no país, como citado neste artigo. Porém ambos ainda são vistos com preconceito por serem de origem periférica, só mostrando como o país não consegue aceitar algo que é diferente e não quer enxergar a comunidade vencendo na vida com o uso da sua cultura.

Os dois estilos de músicas são as vozes da periferia. Eles ajudam a espalhar mensagens de protesto, denúncia, superação e muitas outras. Quando essas músicas são ouvidas, elas devem ser analisadas de maneira mais respeitosa, pois muitas pessoas passam por situações que são relatadas nesses sons e se identificam com a letra. Muitas vezes as ocasiões enfrentadas pelas pessoas são difíceis e através da música elas encontram uma ajuda, na qual pode influenciar o cidadão de uma maneira positiva a melhorar sua vida.

A partir das análises pode se perceber que ainda falta um espaço do Funk e Rap, que passam uma letra com uma visão maior da realidade do Brasil, na TV e no rádio. O conhecimento que os Mc's têm da realidade da periferia é muito grande e suas críticas aos problemas enfrentados pelos moradores da comunidade deve ser visto em uma mídia gigante como a TV e a rádio. Seria de uma importância muito grande mostrar para outras classes sociais as suas lutas ,fazer eles entenderem as mensagens, acabarem com o preconceito e ter mais respeito com o próximo.

Outro fator que deveria ser fundamental é a mídia cobrir situações mais positivas desses gêneros, ao invés de ficar mostrando só o lado negativo e fazer as pessoas pensarem só coisas ruins dessas culturas.

REFERÊNCIAS

ALVES, ISABELA. A criminalização com o funk e o preconceito com as culturas periféricas, 2021, Politize, Florianópolis, 06/12/2021. Disponível em <https://www.politize.com.br/criminalizacao-funk/>. acesso em: 06/11/2022

BALBINO, JÉSSICA. A CULTURA DO FUNK, 2021, Uol Splash, 17/03/2021. Disponível em <https://www.uol.com.br/splash/reportagens-especiais/funk-estetica-do-caos/>. Acesso em: 07/11/2022

BRUZACA, ANA. A MUDIATIZAÇÃO DO RAP NACIONAL NA TELEVISÃO BRASILEIRA A PARTIR DOS ANOS 2000, Brasil Escola. Disponível em <https://monografias.brasilecola.uol.com.br/arte-cultura/a-midiatizacao-do-rap-nacional-na-televisao-brasileira-a-partir-dos-anos-2000.htm#:~:text=O%20trabalho%20aborda%20a%20midiatiza%C3%A7%C3%A3o,do%20rap%20em%20rede%20nacional.> Acesso em : 26/10/2022

COSTA, MARINA . A FILOSOFIA DA PERIFERIA: O RAP E A SUA INFLUÊNCIA NAS COMUNIDADES MARGINALIZADAS, 2017, Rap Nacional, 27/01/2017. Disponível em : <https://www.rapnacional.com.br/a-filosofia-da-periferia-o-rap-e-a-sua-influencia-nas-comunidades-marginalizadas/>. Acesso em: 21/11/2022

DARYELL, J. O funk e o rap na socialização da juventude, 2002. Scielo, Belo Horizonte, Junho de 2022. Acesso disponível : <https://www.scielo.br/j/ep/a/rqhzvRzXfWjTT4kqS7Swzfn/?format=html&lang=pt.> Acesso em: 30/10/2022

EXTRA. Disponível em: <https://extra.globo.com/tv-e-lazer/no-dia-do-rap-nacional-pk-tz-da-coronel-3030-outros-cantores-explicam-importancia-do-genero-em-suas-vidas-rv1-1-25552602.html>. Acesso em: 02/12/2022

Leia Já. Disponível em : <https://m.leiaja.com/cultura/2019/10/04/9-fatos-que-comprovam-importancia-do-racionalis-mcs/>. Acesso em : 01/12/2022

MCCOMBS, Maxwell. Teoria da Agenda: a mídia e a opinião pública. Petrópolis, Vozes, 2009

MOREL, Leonardo; SANTOS, Vitor Gonzaga dos. O funk e o rap em números. Revista Observatório Itaú Cultural, São Paulo, n. 32, 2022. Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/secoes/observatorio-itaucultural/revista-observatorio/rap-funk-numeros-industria-cultural>. Acesso em: [06/11/2022]. DOI: <https://www.doi.org/10.53343/100521.32/4>

OFICINA DA NET. Disponível em: <https://www.oficinadanet.com.br/post/13911-os-10-maiores-canais-do-youtube>. Acesso em: 20/11/2022

ROCHA, EDUARDO. A HISTÓRIA DO RAP E SEUS ATAQUES FEITO PELA SOCIEDADE, 2021, Agemt. Disponível em: <https://agemt.pucsp.br/noticias?page=2>

UBC.ORG.BR. Disponível em: <https://www.ubc.org.br/publicacoes/noticia/20143/em-um-ano-funk-e-rap-crescem-200-no-top-10-do-spotify>. Acesso em : 06/11/2022

